

Tanto o homem pulou cercas,  
 Nas cercas em derredor,  
 Que a mulher quis imitá-lo  
 E a luta ficou pior.  
 Tanto a mulher se descobre,  
 Que o homem fica a pensar,  
 Se deseja estar na rua  
 Ou mesmo se quer um lar.  
 Sexo livre? Amor livre?  
 Garcia, não falarei,  
 Diga aos nossos que sou morto  
 E por isso nada sei.

## O CASO LIBÓRIO

Libório, depois da festa,  
 Chegou, reclamando em casa,  
 Cambaleava e gemia,  
 Mostrando os olhos em brasa...  
 Despejou-se numa cama,  
 Desvestiu-se sem cautela  
 E passou a vomitar  
 Saliva grossa e amarela.  
 Gritava com dor no ventre,  
 Dizia-se com tonteira,  
 O coração disparava  
 Com tremenda batedeira.  
 Excedeu-se na festa,  
 Devorando peixe assado,  
 Com batida de limão  
 Num grande copo de lado.

Depois comera cabrito,  
 Torresmo, chouriço e frango,  
 Sentindo-se entusiasmado,  
 Caiu, feliz, no fandango.  
 Cantou, dançou, batucou,  
 Tocando antiga viola,  
 Que trouxera resguardada  
 Por dentro de uma sacola...  
 Agora, clamava aos berros,  
 Ele, o touro e amigo forte,  
 Que não agüentava as dores,  
 Que via, de perto, a morte...  
 À noite, foi à sessão  
 Com o apoio de enfermeiro,  
 Queria ouvir o Irmão Júlio,  
 Seu guia e seu companheiro.  
 No momento da consulta  
 Disse o Libório: "Ah! irmão,  
 A doença me apanhou,  
 vivo agora em provação..."

Que diz o meu caro Guia?  
 Pois creio em sua virtude,  
 Necessito, quanto antes  
 Retomar minha saúde!..."  
 O Amigo Espiritual  
 Respondeu com gentileza:  
 — "Vi você, ontem, na festa,  
 Gostei de sua destreza.  
 Tenha calma, irmão Libório,  
 Guarde a Fé, pense no Bem,  
 Deus é um Pai que nunca dorme,  
 Nem abandona a ningum.  
 Mas escute este rifão  
 Que ofereço ao seu amparo:  
 Quem a paca caro compra,  
 Pagará a paca caro."